

Rio e SP ensaiam namoro

JORNAL DO BRASIL

9 MAR 2006

Alckmin aproxima PUC-Rio e FGV paulista

MARIANA CARNEIRO

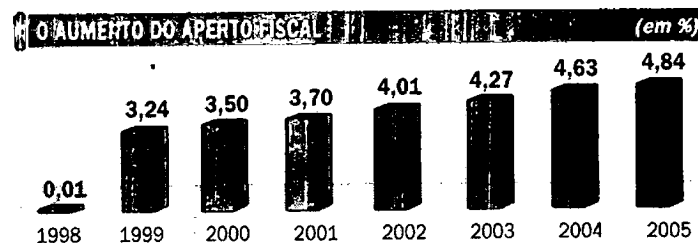
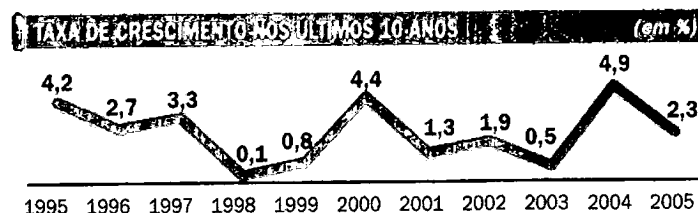
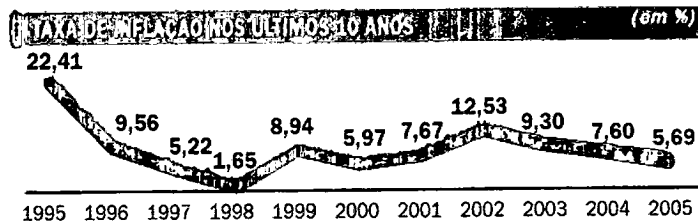
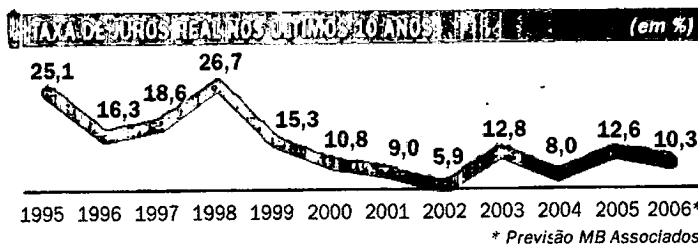
Duas importantes escolas de economia, profundamente ligadas na gestão do Plano Real, mas divorciadas devido a críticas na condução da política econômica, voltam a se encontrar nesse primeiro estágio da candidatura de Geraldo Alckmin.

A gestão do governador, baseada em rigoroso controle fiscal, tem a indelével marca do economista Yoshiaki Nakano, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), também conhecido por suas críticas contundentes à atual política monetária.

Com o ex-ministro do Trabalho, Luiz Carlos Bresser-Pereira, escreveu inúmeros artigos questionando os efeitos da taxa de juros excessivamente elevada sobre a atividade. Economistas da linha Nakano-Bresser estão concentrados no debate de que estabilidade não significa apenas controle da inflação, mas passa também por juros moderados e câmbio competitivo e estável. Soma-se a esse bloco o economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-ministro das Comunicações e ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) nos anos FH, que depois de afastado do governo virou conselheiro do ex-governador Mário Covas.

Na outra ponta, estão os economistas da PUC-Rio, aos quais se atribui preocupação fundamental no controle da estabilidade. Essa corrente do pensamento econômico está no poder desde 1994, seja no front – como durante a gestão FH – seja nos atuais assentos da diretoria do Banco Central. Para esta li-

De olho nos números



A RECENTE ALTA DOS GASTOS DO GOVERNO (em %)

	2004	2005	VARIÇÃO NO BIÊNIO
Transferências a estados e municípios	3,7	16,3	9,8
Pessoal	-0,9	3,2	1,1
INSS	8,5	8,6	8,5
Outras despesas de custeio e capital	16,3	14,0	15,1
Total	7,1	10,2	8,6

Fonte: Banco Central, MB Associados e Ipea

nhagem de economistas, a taxa de juros elevada é reflexo de problemas estruturais e só poderia ser revertida se aplicadas mudanças profundas na chamada microeconomia.

Ambos estão sendo ouvidos por Alckmin. Economistas ligados ao candidato garantem que o governador ouve sugestões de parte a parte. Há um mês, o candidato do PSDB esteve no recanto do pensamento

econômico do Rio, a Casa das Garças. A apresentação da evolução das contas do estado de São Paulo agradou a platéia, formada pelo alto-clero de economistas cariocas, como Armínio Fraga, Rogério Werneck e Ilan Goldfajn. A ênfase na boa gestão e no controle do crescimento dos gastos públicos soa bem ao grupo de economistas e pode ser motivo para uma aliança pró-Alckmin,

mais do que significaria uma candidatura tucana com Serra no comando.

– O país tem grandes desafios e é uma perda de tempo ficar discutindo quem é mais neoliberal, quem é menos neoliberal. É necessário um programa elaborado a partir da boa gestão para a melhoria do setor público – afirma Gesner de Oliveira.

Mas Alckmin sugere que quer mais quando promete mexer “nas estruturas” do país. Na sua gestão, promoveu um amplo pacote de desoneração para o setor produtivo e dá sinais de que pretende retirar das costas do empresariado a sobrecarga que impede a geração de mais empregos, as chamadas micro-reformas. A sinalização de que o tucano será o candidato dos empresários indica que abrirá fogo contra as altas doses de juros empregada no controle da inflação e que o câmbio excessivamente valorizado (dólar barato) tem dias contados.

– Alckmin não deverá se comparar a Fernando Henrique, devido ao seu alto índice de rejeição. Tenho dúvidas de ele que vai recorrer aos mesmos economistas. Pelo menos não deverá fazê-lo aos que estiveram intimamente ligados a FH – opina o economista Fernando de Holanda Barbosa, da FGV-RJ, integrante da equipe econômica na gestão Itamar Franco.

Para ele, tanto FH quanto Lula fracassaram ao promover mudanças em fatores que emperram o crescimento, como uma alteração profunda no sistema financeiro.

– Não é possível que tenhamos uma inflação abaixo de 5% e uma taxa de juros de 40%, como a do capital de giro, ou a do cheque especial. Não é culpa dos bancos, o sistema é que precisa ser redesenhado. E tanto Nakano quanto Mendonça de Barros parecem preocupados com esses temas – avalia Barbosa.